



Estratégias de construção da paz numa escola quilombola

Strategies for peacemaking in a quilombola school

Vanessa Cedraz dos Santos
Graduanda do curso de Enfermagem, Departamento de Saúde - DSAU - UEFS, Bolsista PIBEX do Núcleo Interdisciplinar de Estudo sobre Vulnerabilidades em Saúde - NIEVS/UEFS
vanessacedraz@gmail.com

Aisiane Cedraz Morais
Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta, Departamento de Saúde
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
aisicedraz@hotmail.com

Sinara Lima Souza
Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta, Departamento de Saúde
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
sinarals@uefs.com

Rosely Cabral Carvalho
Professora Titular, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
elcarose@uol.com.br

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência do Programa "Diagnóstico da violência e estratégias de construção da paz nas escolas municipais de Feira de Santana", desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Vulnerabilidades e Saúde (NIEVS) da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Esta extensão destaca-se pelo recorte inédito de desenvolvermos ações em uma comunidade rural e quilombola, envolvendo 508 adolescentes. Foram realizadas oficinas com os temas: adolescência, violência e violência escolar, raça, racismo e identidade quilombola e construção da Paz. Foi possível compreender a importância das atividades extensionistas, seja para a comunidade envolvida ou para o graduando, na medida em que contribuem para uma formação de uma visão mais crítica e holística das necessidades de comunidades específicas. Observou-se a participação ativa dos adolescentes nas atividades, inclusive sugerindo temas que não estavam inclusos no projeto, como sexualidade; sexo e saúde. Acima de tudo, esta atividade possibilitou interação da universidade com uma comunidade quilombola.

Palavras-chave: Extensão Comunitária; Adolescente; População Negra; Direitos Humanos Coletivos.

ABSTRACT

This is an experience report of the Program "Diagnosis of Violence and Peace-Building Strategies in Feira de Santana Municipal Schools," developed by the Interdisciplinary Center for Vulnerability and Health Studies (NIEVS) at Feira de Santana State University, Bahia. This extension stands out for the unprecedented approach of developing actions in a rural and quilombola community, involving 508 adolescents. Workshops were held with the themes: adolescence, violence and school violence, race, racism and quilombola identity and peacebuilding. It was possible to understand the importance of extension activities, both for the involved and graduating community, as it contributes to a formation of a more critical and holistic view of the needs of specific communities. There was active participation of adolescents in the activities, including suggesting themes that were not included in the project, such as sexuality; sex and health. Above all, this activity enabled the university to interact with a quilombola community.

Keywords: Community-Institutional Relations. Adolescent. African Continental Ancestry Group. Collective Human Rights.

INTRODUÇÃO

Segundo Vieira Netto e Deslandes (2016), devido a sua relevância social, a violência foi reconhecida a partir dos anos 90 como um problema de saúde pública pela Organização Mundial (OMS) e a Organização Pan Americana de Saúde (OPAS). A violência é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) "como o uso intencional da força ou poder físico, em forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou um grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesões, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações" (GREGÓRIO; AMPARO, 2013, p.114-115). Para Netto-Maia et al (2013), a violência caracteriza-se como um evento de difícil resolatividade e comumente relacionada às desigualdades econômicas, fatores socioculturais e o que cada sociedade apresenta sobre particularidades comportamentais e todos estão sujeitos a violência, independentemente de cor, raça ou status social. Porém, grupos específicos estão mais expostos aos atos de violência.

No âmbito escolar, a violência fomenta a elaboração e a implantação de atividades com o objetivo de promover a percepção e a reflexão de como os atos violentos se expressam, quais as causas e suas consequências na rotina das entidades em suas variadas conjunturas sociais, além da prevenção de atos violentos e o incentivo ao enfrentamento (KAPPEL et al., 2014). Para Pereira e Williams (2010), "a escola é fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo, devendo ser um dos contextos sociais que estimulem as habilidades intelectuais, as habilidades sociais e a absorção crítica dos conhecimentos produzidos em nossa sociedade" (p. 47). Entretanto, referindo-se a uma comunidade quilombola de predominância negra, a violência escolar torna-se mais presente, com maior intensidade e nas suas diversas apresentações, tendo em vista que os negros são as maiores vítimas por causas externas no intervalo etático (10 a 44 anos), sendo que o enfoque maior dessas causas é a violência. Diferente de outras fases da vida, a adolescência é considerada um período saudável e de menor intercorrências em relação a sua saúde, apesar disso, observa-se o crescimento da violência e dos óbitos por causas externas entre os adolescentes (NUNES et al., 2015).

Segundo Araújo (2014), todos os cidadãos estão suscetíveis à violência no Brasil, porém, a população pobre e, sobretudo negra sofre com as diversas ações violentas reconhecidas como atos físicos e/ou simbólicos. Nesse contexto, assim como menciona Leão (2016), a Educação para a Paz configura-se como um recurso contínuo, de execução complexa e primordial, que perpassa por todas as faixas etárias. Não apenas na esfera escolar, mas a Educação para a Paz deve-se fazer parte também do dia-a-dia das pessoas, tanto no ambiente familiar, quanto nos relacionamentos pessoais, nos processos institucionais e meios de comunicação.

Nos últimos anos, a violência nas escolas vem sendo abordada e discutida como um problema educacional, social e de saúde pública. Diversos

fatores são apontados como influenciadores dos atos violentos. Diante deste contexto, a Educação para a Paz surge como uma possibilidade de combater a violência nas escolas, proporcionando a inclusão de projetos socioeducativos no ambiente escolar. Evidencia-se que a escola é um espaço de convivência no qual promove aos estudantes o desenvolvimento de relacionamentos e concepções. A escola é essencial como um espaço proveitoso e favorável para a realização de atividades educativas e reflexivas (CREMONESE et al., 2014).

Este trabalho é um relato de experiência sobre a vivência de uma estudante de enfermagem e integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Vulnerabilidades e Saúde (NIEVS) durante seu trabalho como bolsista de extensão em uma escola Municipal de comunidade quilombola, na sede do distrito da Matinha na cidade de Feira de Santana-BA. Nessa experiência, a estudante traz as percepções e considerações sobre as atividades que abordavam os temas: adolescência, violência/violência escolar, raça/racismo e identidade quilombola.

O plano de trabalho destas ações foi desenvolvido propondo atividades pautadas na educação em saúde e na divulgação de estratégias de Construção da Paz entre adolescentes de uma comunidade quilombola, com finalidade de combater a violência na escola e fora dela, assim como resgatar a identidade e autonomia do adolescente negro, favorecendo o seu empoderamento para enfrentar o racismo/violência. As atividades extensionista foram norteadas pelos princípios da indissociabilidade entre ensino/extensão voltadas à sociedade, proporcionando articulação entre a academia e comunidade, reforçando o compromisso social da universidade e especialmente, através desta proposta de trabalho, um retorno para uma população que foi historicamente excluída e negligenciada.

OBJETIVO

Relatar a experiência durante o desenvolvimento de uma atividade de extensão com Promoção da Paz em uma escola de Comunidade Quilombola no interior da Bahia, compartilhando a experiência como na promoção e orientação diante das ações de Educação em Saúde entre adolescentes quilombolas.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Caracterização do projeto

Trata-se de um relato de experiência de um plano de trabalho de extensão entre julho de 2017 a julho de 2018, vinculado ao Programa "Diagnóstico da violência e estratégias de construção da paz nas escolas municipais de Feira

de Santana-BA", desenvolvido desde 2010 pelo NIEVS (UEFS) entre 32 escolas públicas municipais urbanas deste referido município. Este plano de trabalho traz um recorte inédito de desenvolvermos ações em uma comunidade rural e quilombola.

Etapas da execução

Inicialmente foi feita uma reunião envolvendo docente, discente da UEFS e professores da escola pública Rosa Maria Espiridião Leite, da comunidade Matinha dos Pretos, distrito da zona rural de Feira de Santana, com certificação de Comunidade remanescente Quilombola. O público alvo era formado por 508 alunos com idades entre 11 e 19 anos, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, distribuídos em 07 turmas do turno matutino.

As atividades aconteceram após a aluna fazer uma revisão bibliográfica sobre cada tema, ter sessões de discussão com orientadora e posteriormente se montava o material didático de cada oficina. Assim, todas as atividades foram realizadas individualmente com cada turma, com carga horária definida (máximo de 2 horas). Os encontros foram marcados de acordo a disponibilidade de horário da escola e de cada turma. Adotamos a seguinte sequência para aproximação com os adolescentes:

1. Oficina sobre Adolescência:

Para a realização dessa oficina foi utilizado o recurso audiovisual de slides projetados por data-show e filmes tipo curta metragem. Resgatando o método participativo, foi questionado para as turmas sobre: "O que é a adolescência?" e em seguida, sendo apresentado o seu conceito. Logo após, iniciou-se a discussão do tema puberdade com a apresentação da sua etapa (Início: 10 a 13 ano e Término: 16 a 19 anos), o conceito e as principais alterações que acontecem com os meninos, tais como: adrencia, gonadarca, semenarca, poluição noturna, pubarca e aumento do volume testicular. Já para as meninas, apresenta-se a adrencia, gonadarca, telarca, menarca e pubarca. Também foram apresentados os critérios de Tanner e seus estágios para ambos os sexos.

Foi abordado o termo "Síndrome da adolescência normal" que tem suas manifestações psicológicas, sociais e biológicas, dentre elas, a necessidade de privacidade, o distanciamento dos pais, as alterações do humor, preocupações com as mudanças pubertárias, etc. Outro ponto discutido foi a morbidade na adolescência, destacando-se: a violência física, IST's, gravidez indesejada, abuso de substâncias, depressão, etc e os riscos que os adolescentes sofrem no cotidiano, como: abuso físico e sexual, atividades sexuais sem proteção, hábitos alimentares pobres, abuso de álcool e outras drogas, o convívio com gangues, fracasso escolar, entre outros. Para finalizar, foi apresentado um vídeo temático. Durante a apresentação fomos questionadas sobre sexualidade, relações homoafetivas, risco de gravidez e masturbação.

Imagem 1 - Adolescência



Fonte: Acervo do projeto.

2. Oficina sobre violência e violência escolar:

Contemplando a participação dos alunos, iniciou-se a oficina com a indagação "O que é violência?". Em seguida, houve a apresentação do conceito, os tipos de violências e a referência do Art. 5º da Lei do ECA, que diz: "Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais".

Dando seguimento, foi percorrido sobre a violência escolar, onde foram apresentados os tipos e seus conceitos (violência da escola; contra a escola e na escola) e os alunos foram questionados sobre o que eles achavam que provocava a violência escolar, sendo justificada pelas principais causas: desestruturação e negligência familiar; a influência da mídia; violência doméstica; baixa autoestima; fracasso escolar; influência dos grupos de pares e as características da personalidade. Foram referidos pelas palestrantes alguns fenômenos da violência (agressões físicas e verbais, discriminação, insultos racistas, depredação, bullying e cyberbullying), além das principais consequências para os adolescentes, como: transtornos emocionais, depressão, ansiedade, perda de interesse pelo estudo, fracasso escolar e até mesmo pensamentos suicidas. O bullying vem ganhando destaque entre os tipos de violência escolar, apresentamos o seu conceito, as características do agressor e vítima e as possíveis consequências para as vítimas.

Além disso, discutimos sobre a Cultura de Paz e como ela pode ser abordada com a prevenção e resolução não violenta dos conflitos, baseada em tolerância e solidariedade, respeito dos direitos individuais, liberdade de opinião e suas ferramentas que são: as medidas de reflexão e reconhecimento dos equívocos mútuos e conciliação. Para finalizar, utilizamos um vídeo temático e educativo sobre os tipos de bullying. Os alunos relataram as experiências vivenciadas no âmbito escolar em relação às agressões físicas e principalmente ao bullying.

Figura 2 - Violência e violência escolar



Fonte: Acervo do projeto.

3. Oficina sobre raça, racismo, identidade quilombola e a Construção da Paz:

Na abordagem do tema raça e racismo, os alunos foram questionados sobre "O que é raça?" apresentando divergência com a definição do tema etnia. Foi discorrido sobre os conceitos de raças e racismo; a distinção das 3 raças no processo histórico de formação do Brasil: a indígena, a negra e a branca portuguesa e a classificação (segundo o IBGE) das raças em relação a "cor": branco, preto, pardo, amarelo e índio; as representações para a construção do racismo no Brasil (o índio preguiçoso, puro e ingênuo, o negro selvagem e indomável e a mulata sensual e provocadora) e os tipos de racismo.

Figura 3 - Raça e racismo



Fonte: Acervo do projeto.

Os alunos foram provocados com a seguinte pergunta: "E se você fosse vítima de racismo?". Alguns alunos responderam que teriam atitudes violentas como: agressão e xingamentos. Sobre os temas quilombos e remanescentes de quilombos, foram apresentados os seus conceitos e características. Para a identidade quilombola realizou-se três perguntas, dentre elas: 1. Qual a sua cor?

2. Como você se percebe? 3. Qual a sua origem? Os alunos se autodeclaravam pardos ou negros, responderam que tinham uma boa percepção e que gostavam das suas características físicas, e alguns dos alunos eram da própria comunidade quilombola da Matinha dos Pretos.

A ação foi finalizada com a participação dos alunos declarando que, no âmbito escolar, não sofreram com o racismo, mas relataram casos de discriminação devido a sua cor em ambientes fora da escola.

Figura 4 - Raça/racismo e identidade quilombola



Fonte: Acervo do projeto.

Durante a realização das atividades com os adolescentes, buscou-se a promoção do pensamento crítico, participação e dinamicidade nas atividades elaboradas através das discussões, questionamentos e exposição, utilizando a metodologia participativa, com uso de recursos pedagógicos como imagens e vídeos temáticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das atividades desenvolvidas, possibilitamos momentos de discussões sobre os temas: adolescência; violência/violência escolar; raça/racismo, identidade quilombola e Construção da Paz. Fazendo o resgate histórico, trabalhando a autonomia e a identidade do ser quilombola e, conseqüentemente, a autoestima desses adolescentes, pois esses elementos também influenciam o enfrentamento da violência em diversos contextos, considerando que influenciam diretamente no empoderamento destes.

Conforme Kappel et al (2014), a violência envolvendo adolescentes representa um problema de saúde pública e a violência escolar pode se caracterizar como uma violência explícita ou simbólica. Considerando os delitos e os atos violentos nos quais os adolescentes estão inseridos e que se apresentam no âmbito escolar, em conjunto com as propostas de definição da violência, criou-se teorias sobre os fatores de risco que comprometem os jovens, e, através

desses, são averiguados: fatores psicológicos (relação violência e personalidade); fatores familiares (agressividade e conflitos entre os pais, monitoramento parenteral insatisfatório); fatores referentes à condição socioeconômica, bem como elos com colegas e vizinhos; e fatores casuais (agressor motivado e vítima oportuna) (SEGAL, 2014).

De acordo com Mattos e Castro (2011), os atos violentos reverberam em efeitos e comprometimento no desenvolvimento das vítimas e dos agressores, no entanto, algumas ações não são configuradas violentas, dentre elas: a discriminação, humilhação e desrespeito. Conforme o art. 5 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 2008,p.10).

A ação extensionista favoreceu a identificação dos tipos de violência mais comuns ocorridos no ambiente escolar, tais como: violência física, vandalismo e bullying. O bullying tem um destaque em relação aos atos violentos cometidos pelos alunos no âmbito escolar. Devido a esse fato, a diretora da escola solicitou a realização de uma intervenção com as turmas do turno vespertino com o respectivo tema.

No que diz respeito ao tema violência escolar, é importante esclarecer sobre a descrição do termo violência e conseqüentemente violência escolar, os protagonistas incluídos nesse fenômeno e as formas de violência atribuídas dentro da escola, além dos fatores e suas conseqüências. A violência escolar é classificada como: violência da escola, violência à escola e violência na escola (SEGAL, 2014).

Dentro da definição da violência, existe uma subcategoria chamada bullying, que se apresenta através de ações onde o agressor possui a característica de liderança e poder, agressividade e de atos repetitivos. Para Weimer e Moreira (2014), no ambiente escolar o bullying transcorre de maneira silenciosa e encoberta, acarretando transtornos aos envolvidos. Na ocorrência do bullying, tanto vítima quanto agressor, necessariamente, mantêm „no mesmo ambiente, uma coexistência de longo período (PIGOZI; MACHADO, 2015).

Durante as atividades foi possível constatar que o bullying é o principal fator de risco para a ocorrência de outros tipos de violências no contexto escolar, mas a indisciplina e mau comportamento também destacam-se como fatores para a ocorrência de violências. O bullying acontece de três maneiras: agressões físicas diretas; agressões verbais diretas; agressões indiretas. Na agressão física direta são realizados ataques abertos à vítima compreendendo atos individuais ou em grupos a um único alvo, como: empurrões, roubos, danos a itens, etc; a agressão verbal direta envolve ameaças, ofensas, comentários racistas, xingamentos, entre outros; na agressão indireta observa-se boatos, a exclusão

e isolamentos do grupo.

Na literatura, outros tipos de bullying vêm sendo relatados, como a agressão sexual, a extorsão, e o cyberbullying (ZEQUINÃO et al., 2016). Com a finalidade de prevenção e combate à prática de bullying e cyberbullying, em março de 2015, o Senado aprovou o projeto que cria o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (PLC 68/2013) (SILVA, 2015).

A percepção moderna do espaço escolar é compreendida pela violência e o mau comportamento, sendo para a mídia uma ferramenta que promove a delinquência juvenil e os delitos (OLIVEIRA, 2012). Com a oportunidade das palestras desenvolvidas, propiciou-se a realização da Educação pela Paz e o incentivo à Cultura da Paz, apresentando as causas dos principais tipos de violência que ocorrem na escola e as consequências da violência, possibilitou a reflexão e reforço das estratégias da Construção da Paz no ambiente escolar, dentre elas: a prevenção da violência, a resolução não violenta dos conflitos, o respeito dos direitos individuais, liberdade de opinião, o reconhecimento dos equívocos mútuos e a conciliação.

O artigo 4º da Declaração sobre uma cultura de paz reza que "a educação, em todos os níveis, é um dos meios fundamentais para construir uma Cultura de Paz" (REICHENBACH; FONSECA, 2016, p. 336). Para LEÃO (2016), a Paz é a resolução dos desentendimentos e discordâncias, sem agressividade e o uso da força e sem a intenção de se sobrepor em relação ao que é distinto. Sobre esse aspecto, Kappel et al (2014) declara que em relação aos atos de violência no ambiente escolar, é imprescindível a reflexão sobre as estratégias para o enfrentamento da violência na perspectiva da proteção dos adolescentes, que pode ser firmado através do diálogo entre os envolvidos, a construção do vínculo entre os adolescentes e os pais, o desenvolvimento e a implementação de ações por parte da escola que influenciem os adolescentes a adotarem condutas não violentas e não discriminatórias.

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu em Cultura da Paz, em 1999:

Como um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida de pessoas, grupos e nações baseados no respeito pleno à vida e na promoção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, na prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação, podendo ser uma estratégia política para a transformação da realidade social (BRASIL, 2009, p.5).

Compreendendo que as divergências envolvem as pessoas no seu cotidiano, a Educação para a Paz surge como uma maneira sadia de resolução. A continuidade ao enfrentamento dos conflitos é considerada como a rejeição a violência (LEÃO, 2016).

A relação racismo e violência foi referida pelos adolescentes por experiências vividas fora do ambiente escolar. Todos os relatos feitos pelos adoles-

centes em relação ao bullying no contexto escolar, não é destacado o racismo.

Com o estabelecimento do vínculo entre a escola, bolsista e orientadora, vê-se a necessidade da continuidade das atividades sócio-educativas na comunidade escolar, reforçando a demanda existente de articulação entre o ensino e o serviço na área da saúde. Percebemos que a escola, através dos diferentes sujeitos (diretoria, coordenação, professores e alunos) aceitou facilmente a proposta dessa ação de extensão por meio da boa interação, flexibilidade de horários para possibilitar as atividades do projeto e participação da escola com a execução do projeto favorecendo a adequação e flexibilidade das turmas em organização de salas para prover o momento das atividades. Ainda, percebemos a disponibilidade da escola em auxiliar na utilização dos recursos audiovisuais.

Outro aspecto positivo refere-se à atuação da escola, no sentido de sempre disponibilizar uma professora ou auxiliar de classe nos momentos das atividades, condição que facilitava a interação dos palestrantes com os adolescentes. Ademais, percebemos que esses adolescentes, em diversos momentos, interagiram com perguntas e comentários de questões relativas à violência e adolescência e manifestaram interesse por outras temáticas, como sexualidade, saúde e sexo, que não eram assuntos que estavam previamente incluídos no plano de trabalho, mas, que suscitam a continuidade das atividades nesta escola na Matinha dos Pretos.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi a solicitação da pré-escola infantil municipal desta comunidade em desenvolvermos algumas ações como momento de natal e encontro com as mães, as quais foram prontamente atendidas, com a participação de alunos e pesquisadores do NIEVS (Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Vulnerabilidades e Saúde), do qual fazem parte a bolsista e professora.

As atividades contribuíram para a compreensão da importância de ações nas comunidades buscando a percepção das pessoas para quem as atividades foram ofertadas e a comunidade acadêmica em relação aos temas propostos e dessa forma contribuindo para um olhar crítico e holístico das suas necessidades, bem como o entendimento pelos discentes e docentes sobre a realidade dessas comunidades.

Como estudante, relata-se que foi possível entender as necessidades de uma comunidade escolar inserida em um grupo populacional específico, com tantas necessidades sociais evidentes, que não seria possível perceber estando somente em atividade acadêmicas, restritas ao espaço da universidade. Assim, a estudante e professora puderam experienciar discussões educativas e/ou reflexivas sobre a adolescência, violência e a violência escolar e perceber a motivação para os professores trabalharem a temática de violência e raça, associando ao fato da escola estar inserida numa comunidade quilombola.

De acordo com publicações da Organização das Nações Unidas (ONU), afirma-se que a cor dos jovens tem relação direta com o risco a vulnerabilidade à violência (NASCIMENTO et al., 2017). No caso em particular dos adolescentes negros, precisa-se valorizar a identidade racial, estimular a autoestima, empo-

derá-los no sentido de enfrentamento da violência nos diversos contextos e configurações, assim como elaborar junto a eles estratégias diversas de Construção da Paz.

Reichenbach e Fonseca (2016) corroboram com a ideia de Landim e Araújo (2013) quando afirmam que a escola não possui a capacidade de realizar o "milagre" na solução integral da problemática da violência na escola, mas tem atuação fundamental para transformar a realidade independente do seu protagonismo, sendo eles, vítima, executor ou cenário da violência. Neste sentido, destacamos a importância de abordar sobre o tema da violência e preveni-la através das estratégias de Construção da Paz entre adolescentes de uma comunidade quilombola, uma vez que dados públicos nacionais apontam serem os adolescentes negros as maiores vítimas de violência, das mais diversas formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das atividades realizadas, foi possível compreender a importância das atividades extensionistas, seja para a comunidade envolvida, por meio do aprendizado e discussões, como também para a comunidade acadêmica, na medida em que contribui para uma formação mais crítica e holística das necessidades de comunidades específicas, possibilitando a aproximação de discentes e docentes com a realidade de grupos populacionais e, nesse caso, tradicional remanescente quilombola.

Essa experiência possibilitou à discente o entendimento das necessidades de uma comunidade escolar inserida em um grupo populacional específico com tantas necessidades, vulnerabilidades sociais e históricas, que não seria possível por meio de atividade acadêmica, restrita ao espaço da universidade.

Assim, a aluna e a professora puderam experienciar discussões educativas e/ou reflexivas sobre a adolescência, violência e a violência escolar, perceber a motivação para os professores trabalharem a temática de violência e raça, associando o fato da escola estar inserida numa comunidade quilombola, considerando que alguns professores manifestaram inclusive o desconhecimento sobre essa identidade histórico-cultural. Puderam ainda observar manifestações pelos adolescentes com perguntas e comentários de questões relativas à violência, adolescência e inclusive de temas que não estavam inclusos no projeto, como sexualidade; sexo e saúde.

E, acima de tudo, as atividades possibilitaram a interação da bolsista e professora com coordenação e adolescentes da escola; permitindo, desta forma, a interação da universidade com a comunidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. de A. Racismo, violência e direitos humanos: pontos para o debate. RIDH | Bauu, v. 2, n. 2, p. 75-96, jun. 2014. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/177/93>> Acesso em: 25 mar.2018.

BRASIL. Ministério da saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente. 3.ed., 2 reimpressão. Série E. Legislação de Saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.96 p.

-----, Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 44 p.

CREMONESE, L et al. Atividades educativas na escola: abordando as temáticas drogas e violência. Rev. Ciênc. Ext. v.10, n.3, p.198-209, 2014. Disponível em< http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/982> Acesso em: 06 ago. 2018.

GREGÓRIO, G. de S.; AMPARO, D. M. do. A violência adolescente e as complexidades do agir. INTERACÇÕES NO. 26, PP. 113-128 (2013 – Número Especial). Disponível em: < revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3360/2687>. Acesso em: 25 mar. 2018.

KAPPEL, VB et al. Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes autores. Interface - Comunicação saúde educação 2014; 18(51):723-35. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18n51/1807-5762-icse-18-51-0723.pdf> > Acesso em: 05 fev.2017.

LEÃO, D. S. de. Educação para a paz, um caminho possível para combater a violência e o bullying na escola. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 67-75, jan/mar. 2016. Disponível em: < <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4705/2636> > Acesso em: 25 mar. 2018.

MATTOS, C. L.G; CASTRO, P.A (Org.). Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

NASCIMENTO, C. C. C. et al. Aspectos associados com a ocorrência da violência na população negra. Ciências Biológicas e de Saúde Unit | Aracaju | v. 4 | n. 1 | p. 99-112 | Maio 2017 | periodicos.set.edu.br. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/3896/2274>> Acesso em: 25 mar. 2018.

NETTO-MAIA, L.L.Q.G. et al. O professor também vivencia a violência escolar? R. Enferm. Cent. O. Min. 2013 set/dez; 3(3):797-803. Disponível em: < <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/400/526>> Acesso em: 06 ago. 2018.

NUNES, B. P. et al. Utilização dos serviços de saúde por adolescentes: estudo transversal de base populacional, Pelotas-RS, 2012. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 24(3):411-420, jul-set 2015. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v24n3/v24n3a07.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2018.

OLIVEIRA, J. E. C. Violência escolar: os gestores, as interfaces com as unidades de apoio e as dificuldades de enfrentamento. São Paulo: Seven System Internacional Ltda, 2012.

PEREIRA, A. N.S; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. Temas em Psicologia - 2010, Vol. 18, no 1, 45 - 55. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a05.pdf>> Acesso em: 06 fev. 2017.

PIGOZI, P.L; MACHADO, A.L. Bullying na adolescência: visão panorâmica do Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 20(11):3509-3522, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf>> Acesso em: 06 ago. 2018.

REICHENBACH, J.P; FONSECA, D. G. A cultura de paz na percepção dos professores de Educação Física de uma escola da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Motrivivência v. 28,n.48, p. 331-346,setembro/2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p331> > Acesso em: 07 fev. 2017.

SEGAL, R. Violência escolar: perspectivas contemporâneas. 1.ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

SILVA, A.B.B. Bullying: mentes perigosas nas escolas. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

VIEIRA NETTO, M. F.; DESLANDES, S. F. As Estratégias da Saúde da Família no enfrentamento das violências envolvendo adolescentes. Ciência & Saúde Coletiva, 21(5):1583-1595, 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n5/1413-8123-csc-21-05-1583.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2018.

WEIMER, W. R.; MOREIRA, E.C. Violência e bullying: Manifestações e consequências nas Aulas de educação física escolar. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 257-274, jan./mar. 2014. Disponível em: < rbce.cbce.org.br/>

index.php/RBCE/article/download/1462/923> Acesso em: 06 fev. 2017.

ZEQUINÃO, M.A et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. Educ. Pesqui., São

Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0181.pdf>> Acesso em: 06 fev. 2017.